

ADÃO E EVA, O LATIM, A ESCRITA VISIGÓTICA  
E UMA ANÁLISE FILOLÓGICA

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima (UFMT)

[carolakie@yahoo.com.br](mailto:carolakie@yahoo.com.br)

Leandro Duarte Rust (UFMT)

RESUMO

Pretendo com este trabalho demonstrar algumas características da escrita visigótica e do latim eclesiástico, no medievo. De acordo com Marcos (2011, p.30-4) chamamos escrita visigótica a escrita nacional utilizada na Península Ibérica, entre os séculos VIII e XII que depois foi substituída pela letra carolina. A letra visigótica foi amplamente usada nos antigos reinos cristãos espanhóis das Astúrias, de Leão, Castela, Navarra e Aragão. Há que se destacar seu alto grau de legibilidade o que faz recordar a minúscula cursiva que conhecemos hoje. Faço um recorte da minha pesquisa de doutorado em que estudo um manuscrito do século XI, *Commentarium in Apocalipsin (1047)*, escrito em latim. Lembrando que o latim é língua-mãe da língua portuguesa, o estudo de suas características se faz necessário para compreendermos pormenores da nossa língua materna. Dado que o latim falado e escrito pelos povos romanos passou por transformações e mudanças aos longos dos tempos, demonstraremos neste trabalho algumas características presentes no latim eclesiástico. Segundo Bassetto (2001, p. 172-173) “o latim eclesiástico caracteriza-se como herdeiro do literário no que ele tinha de mais útil ou necessário para a expressão da nova mentalidade cristã, com fonética e estrutura um tanto diversa da língua literária antiga, além de enriquecida pela contribuição grega e popular”. Ainda no que se refere à nossa pesquisa de doutoramento, descreveremos a metodologia utilizada para a transcrição de um dos fólios dos *corpora* de pesquisa que apresenta uma característica não linear no que se refere à estrutura do texto, pois o códice apresenta 635 fólios e em seu interior cerca de 32 tábuas genealógicas de Cristo e das tribos de Judá, das quais selecionamos apenas uma para este trabalho.

**Palavras-chave:** Latim. Escrita visigótica. Transcrição.

Pretendo com este trabalho demonstrar algumas características da escrita visigótica e do latim eclesiástico, no medievo. De acordo com Marcos (2011, p. 30-34) chamamos escrita visigótica a escrita nacional utilizada na Península Ibérica, entre os séculos VIII e XII que depois foi substituída pela letra carolina. Mas também podem ser encontradas as denominações “escritura espanhola”, “letra toledana” e “letra moçarábica” para esta escrita.

Como afirma o mesmo autor, durante muito tempo, na época ro-

mânica da Península Ibérica, as escritas mais usuais eram as letras capitais, as unciais, as semiunciais e as cursivas e diferiam pouco das letras empregadas em outros reinos. Os magistrados visigodos também usaram a língua latina e a tipologia da escrita utilizada naquele momento que foi reforçada com a conversão ao cristianismo, imposta por Recaredo – rei visigodo que reinou entre 586 e 601, em seu reinado, fez de Toledo a capital do reino visigodo que viveu um crescente interesse pela cultura.

A letra visigótica foi amplamente usada nos antigos reinos cristãos espanhóis das Astúrias, de Leão, Castela, Navarra e Aragão. Há que se destacar seu alto grau de legibilidade o que faz recordar a minúscula cursiva que conhecemos hoje.

Faço um recorte da minha pesquisa de doutorado em que estudo um manuscrito do século XI, *Commentarium in Apocalipsin (1047)*, escrito em latim. Lembrando que o latim é língua-mãe da língua portuguesa, o estudo de suas características se faz necessário para compreendermos pormenores da nossa língua materna.

Dado que o latim falado e escrito pelos povos romanos passou por transformações e mudanças aos longos dos tempos, demonstraremos neste trabalho algumas características presentes no latim eclesiástico. Segundo Bassetto (2001, p. 172-173)

O latim eclesiástico caracteriza-se como herdeiro do literário no que ele tinha de mais útil ou necessário para a expressão da nova mentalidade cristã, com fonética e estrutura um tanto diversa da língua literária antiga, além de enriquecida pela contribuição grega e popular.

Afirma o mesmo autor, o latim eclesiástico difere do latim cristão que foi adotado pelo cristianismo em substituição à *koiné* grega e caracteriza-se por aspectos populares, adaptando-se às condições linguísticas dos povos convertidos. Nesse sentido, o latim eclesiástico se estabelece em outra fase de caráter mais erudito se tornando a língua da Igreja.

Elia (1979, p. 54) afirma que compreender e conceituar a língua da Igreja como uma língua especial causou algumas contradições entre os linguistas, mas a noção de que traçar os caminhos pelo qual percorreu esse idioma e os idiomas neolatinos faz com que necessariamente reconheçamos a contribuição vigorosa deixada pelo cristianismo. Alguns aspectos característicos do latim cristão são encontrados no vocabulário e mais precisamente na formação de palavras do português e na sintaxe.

No que tange às questões relativas à formação da língua portuguesa

sa, Meier (1974, p. 33) afirma

A terceira fase da evolução do português abrange por isso mútua adaptação linguística que, depois da Reconquista, se realiza quando os dialetos galaico-portugueses dos reconquistadores do norte se sobrepõem ao sul do Douro. Como os moçárabes e os reconquistadores falavam a língua da antiga província Ulterior, os dois elementos deviam-se ter compreendido facilmente. Em geral dominava agora o idioma dos reconquistadores, que impuseram as inovações setentrionais também nos territórios reconquistados. Mas talvez a grande variedade de formas fonéticas, morfológicas e vocabulares, muitas vezes contraditórias, que apresenta o português medieval, se possa compreender melhor por uma colaboração das duas camadas históricas que se fundem no momento.

Ainda no que se refere à nossa pesquisa de doutoramento, o nosso recorte está em demonstrar algumas características do latim eclesiástico e da escrita visigótica presentes no códice estudado.

Para tal, descreveremos a metodologia utilizada para a transcrição de um dos fólios dos *corpora* de pesquisa que apresenta uma característica não linear no que se refere à estrutura do texto, pois o códice apresenta 635 fólios que apresentam 23 tábuas genealógicas de Cristo e das tribos de Judá, das quais selecionamos apenas uma para este trabalho, a tábua genealógica de Adão e Eva.

A seguir apresentamos a transcrição do fólio 10v, selecionado para este trabalho, do qual optamos por uma metodologia de transcrição que foi criada para a pesquisa que está sendo desenvolvida no doutorado.

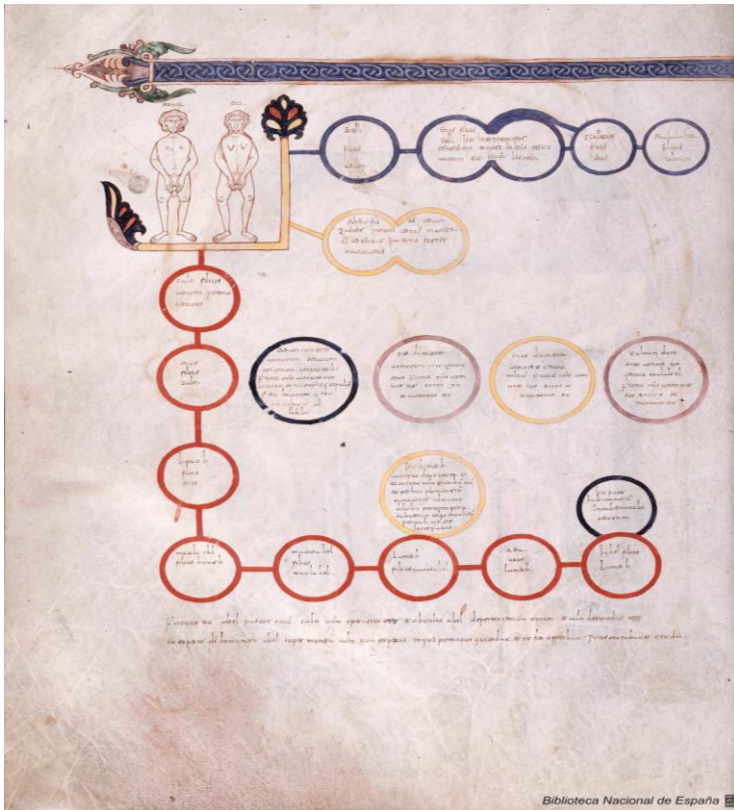
A transcrição total do códice se serve da seguinte metodologia: respeito às fronteiras de palavras, desmembramento das abreviaturas, sistema de indicação de fim de linha com barra inclinada [ / ]; fidedignidade às maiúsculas e minúsculas em início de palavra de acordo com o manuscrito, indicação de interferência de terceiros no códice, como as marcações de paginação no canto direito superior no *recto* de cada página, as iluminuras não estão dispostas no decorrer da transcrição, apenas a descrição destas aparece em seus respectivos fólios e a análise historiográfica que está sendo realizada com o arcabouço teórico demonstrado no decorrer da tese.

Para o presente trabalho, fizemos um recorte do qual apresentamos as regras descritas a seguir que seguem o seguinte raciocínio, como as tábuas genealógicas de Cristo, dispostas nas 32 primeiras páginas iniciais do códice, apresentam-se não de forma justalinear, como um texto escrito, mas de forma sequencial e com iluminuras que a adornam, cria-

mos as seguintes regras:

- a) as imagens (iluminuras) identificadas na transcrição de forma literal;
- b) as sequências genealógicas numeradas por números e letras, obedecendo a sequência apresentada pelo escriba;
- c) os espaços (quadros ou círculos) vazios indicados literalmente na transcrição;
- d) as interferências de terceiros ou do próprio escriba indicadas tal qual aparecem com o termo ‘intervenção’ e quando aparecem mais de uma em um mesmo fólio, estas são numeradas;
- e) as rasuras ou borrões indicadas como [rasura];
- f) as abreviaturas desfeitas;
- g) no caso de dúvida quanto ao termo manuscrito, foi usado [?].

<b>Identificação</b>
Códice <i>Commentarium in Apocalipsin</i> (1047) códice de Fernando I e D. Sancha
Fólio 10v
<b>Localização</b>
<i>Commentarium in Apocalipsin</i> . Beato de Liébana – Códice de Fernando I e D. Sancha. Madri, Biblioteca Nacional, Ms. Vitr. 14-2 (olim B.31); San Isidoro at León, 1047, escrito pelo escriba Facundus, para o Rei Fernando I de Castela e Leão, códice conhecido como Beato J (= J).



(Arquivo JPG)

<b>TRANSCRIÇÃO</b>	
Código <i>Commentarium in Apocalipsin</i> (1047) código de Fernando I e D.	
Sancha	
Fólio 10v	
<p style="text-align: center;"><b><i>Commentarium in Apocalipsin</i></b>. Beato de Liébana – Código de Fernando I e D. Sancha. Madrid, Biblioteca Nacional, Ms. Vitr. 14-2 (olim B.31); San Isidoro at León, 1047, escrito pelo escriba Facundus, para o Rei Fernando I de Castela e Leão, código conhecido como Beato J (= J).</p>	







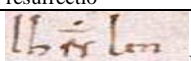

(1)[iluminuras] Adam/ Eua; (2)Seth/ filius/adam; (2a/b)Enos filius/ seth: *Iste Interpretatur/ resurrectio eo quod In Ipso resua/tutum est senen Iustum;* (2c)[?] CAYNAN/ filius/ enos; (2d)Malalalael/ filius/ caynan; (3/3a)Abel filius adam/ Pastor ouium totius munerarum/ deus ad tendit fraterno furore/ mactuctus;; (4)cain filius/ adam primo/genitus; (4a)enos/ filius/ cain;(4b)hirath/ filius/ enos; (4c)maalaeh/ filius hirath; (4d)matusahel/ filius/

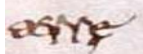

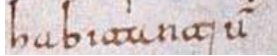
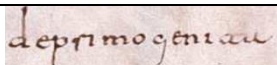
## *Circolo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

maalahel.; (4e)Lamech/ filius matusahel; (4e<sub>(1)</sub>)Iste lamech/ accepit duas uxores et/ et occisit cain tritabuum suum/ et per hoc plantarium/ sanguinis etigamie/ dilubii protinu pena/ subuertit solus enocheum/ protali scelere/ In crepauit...; (4f)Ada/ uxor/ lamech; (4g)Jabel filius/ Lamech; (4g<sub>(1)</sub>)hic pater/ habitantium/ In tabernaculis/ pecorum; (5)Adam cum esset/ annorum centum/ triginta genuit seth/ Fiunt omnes anni uite sue/ dccccxxx et mortuus est sepultus/ qui est In locum urbe/ [?] miliario ab/ Iherusalem; (6)sed dum esset/ annorum ccv genuit/ enos: Fiunt omnes anni/ uite sue dccc u/ et mortuus est.; (7)Enos dum esset/ annorum x genuit/ cainan. Fiunt omnes anni/ uite sue dccc u/ et mortuus est.; (8)Cainan dum/ esset annorum 2xx/ genuit malaleel/ Fiunt omnes anni uite/ sue dcccc x et/ mortuus est. [Intervenção 1]Factus est abel pastor ouium. cain auum operarius terrae et obtulit abel de primogenitu ouium et cain derructibus terrae./ et respexit deus In munera abel super munera cain non respexit. eo quid primitus gustabat et sic deo offerebat: Prius onorabat se et sic domum.

A seguir, apresentamos algumas características do latim eclesiástico e da escrita visigótica presentes no códice estudado, recortados do fólio 10v, anteriormente apresentado e transcrito.

Como frisamos, o latim eclesiástico apresenta algumas características peculiares, das quais selecionamos alguns aspectos grafemáticos que serão dispostos abaixo:

Exemplo	Característica	Descrição
 Adam	Maiúscula	Nome próprio com maiúsculas inicial, medial e final
 Eua	Maiúscula	Nome próprio em maiúsculas, 'u' grafado no lugar de 'v'
 Seth	Maiúscula	Nome próprio com inicial maiúscula
 Abel	Maiúscula e contração final	Maiúscula inicial e contração final entre 'e' e 'l'
 cain		Nome próprio com inicial minúscula
 resurrectio	Peculiaridades gráficas de 'r'; 's'; 't'	Grafemas com características que marcam a escrita visigótica
 Ihrslm (Iherusalem)	Abreviatura	Abreviatura composta apenas por consoantes
 annorI (annorum)	Abreviatura e contração final	Abreviatura composta por vogais e consoantes e contração final da

		terminação 'orum'
 terrae (terrae)	Contração das vogais 'æ'	Contração característica da escrita visigótica
 oms (omnis)	Abreviação	Abreviatura composta apenas por consoantes
 habitantii (habitantium)	Contração de vogal nasalizada em final de palavra e ligadura	Contração característica da escrita visigótica, da vogal nasal 'um' e ligadura 'ti'
 deprimogenita	Fronteira de palavras	Não respeito às fronteiras de palavras, comumente encontradas na escrita visigótica.

Recortamos apenas alguns termos para exemplificar algumas das características da escrita visigótica encontradas no códice estudado. Como afirma Marcos (2011, p. 32-33) a escrita visigótica se distingue das letras pré-carolinas, como a beneventana ou a merovíngia, por exemplo, por causa de suas formas particulares. São especialmente distintivas as iniciais maiúsculas e as letras capitais que apresentam influência árabe. As ligaduras são numerosas. A grafia visigoda, em algumas ocasiões, tende a refletir a pronúncia, o que explica a grande variação para as ligaduras da sílaba 'ti', assim como foi pronunciada de forma dura ou sibilante no hispano-latim da época, o que era normal utilizar a forma sibilante antes da vogal e a forma dura antes de 's'. A grafia de 't' e 'r' também adotam diversas formas quando aparecem em ligaduras. As abreviaturas da escrita visigótica constituem um sistema característico que se diferencia de outras escrituras da época, na Península Ibérica e em outros lugares onde o latim era língua da Igreja. Quanto à forma, esta escrita se caracteriza pelo alto grau de legibilidade, a maioria das palavras vem separadas por um pequeno espaço em branco, mas algumas vezes aparecem ligaduras que são muito frequentes no caso da preposição. As maiúsculas ou letras capitais visigóticas usadas como iniciais ou em títulos são adornadas e demonstram influência da escrita árabe.

### *Considerações finais*

O objetivo deste trabalho foi demonstrar de forma breve algumas características da escrita visigótica e do latim eclesiástico, no medievo. Para tal, apresentamos um recorte da nossa pesquisa de doutorado que está em andamento. O documento apresentado e transcrito pertence ao

códice iluminado *Commentarium in Apocalipsin*, escrito em 1047, por um monge espanhol, sob encomenda dos reis de Leão e Castela, Fernando I e D. Sancha, no ano em que completavam dez anos de reinado. Este códice pode ser encontrado na Biblioteca Nacional da Espanha – Biblioteca Digital Hispânica, em formato digital.

Apresentamos também a transcrição do fólio selecionado para este trabalho, fólio 10v, escrito em latim, em escrita visigótica. Deixamos a transcrição em latim, tal qual o documento, pois não traçamos como objetivo a apresentação da tradução para o português, o que poderá ser encontrado ao final do nosso trabalho de doutorado.

Ainda no que se refere à metodologia utilizada para a transcrição, apresentamos uma metodologia própria inspirada nas normas de transcrição e edição de documentos estabelecidas por Megale e Cambraia (1999).

Esperamos ter cumprido com os objetivos aqui apresentados e ainda ter contribuído com o desenvolvimento de pesquisas filológicas e paleográficas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. São Paulo: Edusp, 2001.

BIBLIOTECA Digital Hispânica. *Catálogos*. Disponível em: <<http://www.bne.es/es/Catalogos/BibliotecaDigitalHispanica/Inicio/index.html>>.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAPPELLI, A. *The elements of abbreviation in medieval latin paleography*. Kansas, USA: Printed in Lawrence, 1982.

ECHEGARAY, J. G. *Obras Completas y Complementarias I*. Comentario al Apocalipsis. Himno “O Dei Verbum” Apologético. Madrid, Espanha: BAC, 2004.

\_\_\_\_\_. *Obras Completas y Complementarias II*. Documentos de su entorno histórico y literário. Madrid, España: BAC, 2004.

ELIA, Silvio. *Preparação à linguística românica*. Rio de Janeiro: Ao Li-



vro Técnico, 1979.

MARCOS, Juan-José. *Fuentes para paleografía latina*. Cáceres, Espanha: Edição do Autor, 2011. Disponível em:

<[http://guindo.pntic.mec.es/jmag0042/manual\\_paleograf.pdf](http://guindo.pntic.mec.es/jmag0042/manual_paleograf.pdf)>.

MEGALE, Heitor; CAMBRAIA, César Nardelli. Subsídios para uma proposta de normas de edição de textos antigos para estudos linguísticos. In: RODRIGUES, A. C. S.; ALVES, I. M.; GOLDSTEIN, N. S. (Orgs.) *I 723 Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 1999. p. 13-24.

MEIER. Harri. *Ensaio de filologia românica*. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.